



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

LETÍCIA QUEIROZ DE FREITAS

**VIDA QUILOMBOLA NO RIO ARAGUAIA: A HISTÓRIA DA ILHA DE SÃO
VICENTE**

PALMAS – TO

2019

LETÍCIA QUEIROZ DE FREITAS

VIDA QUILOMBOLA NO RIO ARAGUAIA: A HISTÓRIA DA ILHA DE SÃO VICENTE

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Wolfgang Teske
Coorientador: Prof. Dr. Frederico Salomé

PALMAS – TO

2019

2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D316v De Freitas, Leticia Queiroz.

Vida quilombola no rio Araguaia: a história da Ilha de São Vicente . /
Leticia Queiroz De Freitas. – Palmas, TO, 2019.

52 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Palmas - Curso de Jornalismo, 2019.

Orientador: Dr. Wolfgang Teske

1. Ensaio fotográfico documental. 2. Comunidade quilombola da Ilha de
São Vicente. 3. Rio Araguaia. 4. Folkcomunicação. I. Título

CDD 070

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA QUEIROZ DE FREITAS

VIDA QUILOMBOLA NO RIO ARAGUAIA: A HISTÓRIA DA ILHA DE SÃO VICENTE

Monografia foi avaliada e apresentada à Universidade Federal do Tocantins UFT/Campus Universitário de Palmas, Curso de Jornalismo para obtenção do título de bacharel e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 28 / 04 / 2019

Banca Examinadora

Orientador

Prof. Dr. Wolfgang Teske, UFT

Membro (a)

Prof. Dr. Frederico Salomé de Oliveira, UFT

Membro (a)

Prof. Dra. Maria de Fátima de Albuquerque Caracrist, UFT

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a oportunidade de deixar, para sempre, registrado as memórias da minha comunidade quilombola.

À minha mãe, Sueli Freitas Barros, por acreditar e sempre se orgulhar de mim. Te amo, mãe. À Cristina Queiroz de Freitas, minha irmã, que me ajudou e esteve comigo em todas as áreas da minha vida.

Agradeço ao meu companheiro Ildélio dos Santos Soares, pelo amor e paciência comigo nessa reta final da graduação. Sei que não foi fácil. Aos meus amigos e amigas que começaram a faculdade comigo e foram importantíssimas em todas as fases da minha formação acadêmica. Também aos que conquistei ao longo da caminhada fora do ambiente acadêmico. Vocês são especiais demais para mim.

À minha tia Maria de Fátima Batista Barros que sempre me incentivou a lutar pela comunidade e ter orgulho da nossa identidade. Obrigada pelas colaborações, tia.

Agradeço aos meus professores que não mediram esforços em compartilhar conhecimento nesses mais de quatro anos de curso. Foi um período de intensos aprendizados.

Quero agradecer especialmente ao meu orientador Wolfgang Teske, que aceitou o desafio de me orientar e teve a gentileza e a delicadeza de me deixar livre para escolher o que seria feito neste projeto magnífico.

Aos meus colegas de trabalho do G1 Tocantins e da TV Anhanguera. Foram eles que me ajudaram a desenvolver habilidades jornalísticas na prática. Dentro da redação ou nas ruas buscando fatos para noticiar nacional e internacionalmente. Todos sempre confiaram no meu trabalho e, gradativamente, aumentaram os desafios a mim impostos. Obrigada, de verdade.

À Palmas, à Universidade Federal do Tocantins (UFT) e ao curso de Jornalismo, que me receberam tão bem em 2014, e me proporcionaram experiências e aprendizados únicos.

Gratidão.

RESUMO

O ensaio fotográfico documental objetiva dar visibilidade à comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, localizada no município de Araguaatins, no extremo norte do estado do Tocantins. A partir da observação da vivência e dos relatos dos quilombolas deste grupo, o livro narra desde a chegada deles a esta Ilha, os desafios atuais e o que desejam para o futuro da comunidade. O comportamento, as histórias e as pessoas também serão reconhecidas com as fotografias autorais e textos que fogem do padrão jornalístico de redação. O ensaio fotográfico documental, com base na teoria da Folkcomunicação, permitiu a captura de momentos reais dos 'personagens' no qual foi possível observar e registrar aspectos da vida dos quilombolas da Ilha de São Vicente, tais como a alegria, preocupação e a esperança. Momentos estes que ficarão na memória. Esta obra pode vir a se tornar uma ferramenta para a comunidade no alcance de direitos básicos de cidadania e abre espaço para o debate em relação às comunidades tradicionais.

Palavras chave: Ensaio fotográfico documental; Comunidade quilombola; Rio Araguaia; Ilha de São Vicente; Folkcomunicação.

ABSTRACT

The documental photographic session has the goal to give visibility to the quilombola community of the São Vicente Island located in the Araguaatins County in the extreme North of the State of Tocantins. From the observation of the experience and reports of the quilombolas belonging to this group, the book narrates from their arrival to the Island, the present challenges and what they desire for the community's future. The behavior, stories and people are also acknowledged within the self taken photographs and articles that are out of the journalistic writing standard. The documental photographic session, based on the Folk Communication Theory, allowed the capture of the "characters" real moments, in which it was possible to observe and record aspects of the São Vicente Island's quilombolas' lives, such as joy, worry and hope. Moments that will be forever in memory. This piece might become a tool for the community to obtain basic citizenship rights and open spaces for debating traditional communities.

Keywords: Documental photographic shoot, quilombola community, Araguaia river, São Vicente Island, Folk Communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica da Ilha de São Vicente	23
Figura 2 - Objetos históricos da comunidade	24
Figura 3 - Homenagem às famílias pioneiras de Araguatins.....	25
Figura 4 - Certidão de Autodefinição da comunidade quilombola da Ilha São Vicente emitido pela Fundação Cultural Palmares	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição, quantidade e custo com recursos humanos	32
Quadro 2 - Descrição, quantidade e custo com recursos de capital	32
Quadro 3 - Descrição, quantidade e custo com recursos de custeio.....	33
Quadro 4 - Valores totais.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 JUSTIFICATIVA.....	12
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 Fotojornalismo	15
3.2 Ensaio fotográfico documental	16
3.3 Teoria da Folkcomunicação	17
3.4 Comunidades quilombolas.....	18
3.5 Comunidades quilombolas no estado do Tocantins.....	19
4 COMUNIDADE QUILOMBOLA DA ILHA DE SÃO VICENTE.....	23
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
5.1 Planejamento.....	28
5.2 Viagem para a comunidade.....	28
5.3 Envolvimento com a comunidade.....	29
5.4 Fotografias	29
5.5 Entrevistas.....	29
5.6 Construção do livro.....	29
5.7 Capa	30
5.8 Páginas	30
6 PÚBLICO.....	31
6.1 Público-alvo	31
6.2 Público mercadológico	31
7 CUSTOS.....	32
7.1 Recursos humanos	32
7.2 Recurso de capital	32
7.3 Recursos de custeio.....	33
7.4 Valor universal.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

O Tocantins é um estado que possui uma grande concentração de comunidades tradicionais. São aldeias indígenas, comunidades quilombolas, extrativistas, além de grupos de quebradeiras de coco e pescadores. Segundo a Fundação Cultural Palmares (FCP), instituição pública federal voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira, existem 3.271 comunidades quilombolas no Brasil. Deste total, 44 estão localizadas no estado do Tocantins.

De acordo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), as comunidades quilombolas são “[...] grupos étnicos, predominantemente constituídos de população negra rural ou urbana, descendentes de ex-escravizados, que se auto definem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias” (BRASIL, site, 2003).

Teske (2011) explica que quando capturados na África, os negros eram considerados como mercadorias. A dor e o desespero começavam pela separação dos entes queridos, já que muitas vezes os senhores dos escravizados precisavam de apenas um membro da família. As vítimas faziam viagens longas de navio sem saber ao certo qual seria o seu destino e de seu próprio futuro. A partir dali, suas culturas e crenças também precisavam ser deixadas para trás, foram obrigados a assimilar uma nova cultura. Eles eram obrigados a viver para cuidar de casas e fazendas. Isso aconteceu até que a Lei Aurea, que aboliu a escravatura no Brasil, fosse assinada em 1888.

Nesse mesmo ano a comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, localizada no Rio Araguaia, no município de Araguatins, se formou. A área foi doada como pagamento pelo tempo de escravização negra em Carolina-MA.

A partir do desejo de dar maior visibilidade à história, à ilha e aos membros desta comunidade, a fotografia foi usada, já que é um poderoso meio de comunicação. O ensaio fotográfico documental proporciona a informação de maneira mais completa. Como ferramenta histórica, as imagens são capazes de contar para futuras gerações o que marcou determinada época. Para Sônego (2010), as imagens fotográficas carregam expressões vividas em outros tempos.

Assim, retratam a História Visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos e atores sociais, permitindo aprofundar o conhecimento da cultura material, expressa na arquitetura, nas cidades e nos objetos. Os

estudos mais aprofundados permitem a análise de alguns detalhes tangíveis representados nas fotografias, ou seja, as comunicações não-verbais (SÔNEGO, 2010, p. 119).

A comunidade quilombola da ilha de São Vicente foi reconhecida em 2010, depois que os moradores sofreram um ataque violento. Nove anos depois, as famílias relatam os desejos para o futuro. A meta é aumentar a quantidade de jovens nas universidades, para que através da educação, mudanças positivas e significativas possam chegar à comunidade e o ensaio fotográfico documental *Vida Quilombola no Araguaia* pode ser uma ferramenta para isto.

Organizado com 57 fotos, seis tópicos e pequenos textos, a importância da fotografia é evidente para contar a história, já que as imagens não são apenas arte, mas “[...] um instrumento que mantém viva a nossa história. De qualquer forma, a fotografia permanece como uma ferramenta histórica e permanecerá nesse posto ainda por muito tempo” (CALAÇA; HUBER, 2009, p. 7).

Os tópicos do ensaio trazem informações sobre as principais etapas vividas pelos ‘personagens’ até 2019.

O primeiro, intitulado como **O território**, trata da dimensão e localização da ilha.

O segundo, **Como tudo começou**, traz informações sobre de que forma as pessoas chegaram ao local e fizeram da ilha uma morada permanente.

O terceiro, denominado de **O ataque**, conta a experiência dolorosa que a família Barros viveu em 2010.

No quarto, **A luta continua**, o destaque são as conquistas logo após o caos e o que tem motivado os moradores a continuar firmes e com sede de justiça e igualdade social.

O quinto, **Saberes e Fazeres** mostra um pouco do comportamento e da convivência dos moradores. A agricultura familiar e a culinária, já que parte da alimentação é produzida na própria terra.

O último, **As faces do quilombo**, traz informações sobre as características físicas e exibem os quilombolas que foram fotografados. São pessoas de todas as faixas etárias com as expressões que foram captadas durante o ensaio.

Com isto, será possível entender com mais facilidade, a trajetória da comunidade.

1 JUSTIFICATIVA

Atualmente, muito se discute sobre os significados, a produção e os usos sociais da fotografia. No caso do ensaio fotográfico documental *Vida Quilombola no Araguaia* sobre a comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, as imagens têm um papel social. O trabalho utiliza fotos e textos que fogem do padrão factual jornalístico e abre espaço para discussões acerca de história, memória, cultura, desigualdade e direitos humanos. Ao mergulhar no livro, o leitor poderá entender e sentir, com as fotografias, o que está sendo contado.

Desde 2014, quando ingressei no curso de Jornalismo na Universidade Federal do Tocantins (UFT), através das cotas para quilombolas, sonhei em me formar depois de escrever um livro que representasse a minha identidade.

Durante o tempo na faculdade, nas aulas de folkcomunicação, que segundo Luís Beltrão é o processo de informação e manifestações de opiniões, ideias e atitudes ligados direta ou indiretamente ao folclore, me identifiquei com os recursos usados no produto. O texto, o estudo de comunidades tradicionais e a fotografia, que é uma forma de manter viva a memória de um povo. Ambos também fizeram parte da minha vida profissional.

Nas redações de jornais, onde atuei desde o segundo período da graduação, foi possível observar que as comunidades tradicionais só são pautadas em datas comemorativas, como o Dia do Indígena e Dia da Consciência Negra ou em casos factuais, como os que eu mesma escrevi algumas vezes, contando fatos sobre ribeirinhos com as casas ameaçadas pelo aumento do nível da água ou ataques às comunidades quilombolas, como aconteceu na Ilha de São Vicente.

Com o ensaio fotográfico documental, a história de quilombolas de uma região esquecida do estado poderá ser vista e conhecida não só no Tocantins, mas em todo o Brasil. O livro ilustrado pode ser entendido pelos mais jovens estudados até os idosos e analfabetos.

A relevância deste produto está na exposição positiva da identidade de um povo marginalizado pela sociedade e na contribuição com a comunidade através da captura de elementos que contribuem com a história e memória dos quilombolas

Além de tudo, este trabalho se justifica também ao fato dos remanescentes dos negros escravizados se sentirem com os direitos ameaçados. Segundo os moradores, os relatos do que se precisa conquistar podem chegar aos responsáveis pela idealização das atividades necessárias.

Por entender que a juventude pode e deve lutar contra o racismo e o preconceito, mesmo após décadas da libertação da escravização negra, decidi não só escrever, mas mostrar olhares, gestos e destroços físicos e emocionais.

Diante de tantos problemas, é importante destacar que não são apenas dores e reclamações. Mesmo tendo motivos de sobra para reclamar, os remanescentes da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente não abrem mão do privilégio de morar no centro do Rio Araguaia e driblam como podem as situações constrangedoras.

Com tudo isto, as famílias esperam ser vistas e conseguir ter acesso com mais facilidade aos serviços essenciais dentro ou mais próximos da Ilha, de onde nunca saíram. Para eles é importante destacar as belezas. O paisagismo da Ilha encanta e, por isso, além das histórias de vida com luta e superação, o ensaio fotográfico documental explora as belezas do lugar.

De acordo com os próprios quilombolas, a exposição feita por um membro da comunidade faz com que a história seja contada de forma verdadeira, com credibilidade e sem que haja manipulação, como costuma haver em pautas desta editoria.

Pelo fato de estar formando em jornalismo e diante da potencialidade da fotografia atrelada às áreas já citadas, surgiu a vontade da necessidade de mostrar parte da história desse grupo. Além disso, este trabalho poderá vir a ser ferramenta para a comunidade que busca por direitos.

Entendi a importância da discussão e disseminação do tema depois de entrar na universidade através de políticas de ações afirmativas. Ainda pouco discutido, o assunto é pertinente e precisa ganhar mais espaço agora, no período em que os quilombolas se sentem ameaçados pelo atual governo federal.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Contar a história da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente, no Rio Araguaia, através de um ensaio fotográfico documental.

2.2 Objetivos Específicos

- Dar maior visibilidade à comunidade quilombola da ilha de São Vicente;
- Mostrar a identidade dos descendentes de negros escravizados através da fotografia;
- Exibir sobre os estilos de vida dos quilombolas;
- Expor as belezas naturais da ilha e do Rio Araguaia.

DESENVOLVIMENTO

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Fotojornalismo

O fotojornalismo vem do ramo da fotografia, que é um meio de comunicação capaz de transmitir informação clara e objetiva. Oliveira; Vicentine (2009) explicam que essas informações podem ser transmitidas através da distancia focal, composição e enquadramento, a abertura e o tempo de exposição escolhidos. Todos esses fatores são determinados pelo fotógrafo para que haja um melhor aproveitamento do material final.

Sobre o fotojornalismo, os autores dizem ainda que:

A fotografia de imprensa, como obra de arte, tem vida além das páginas dos jornais, bastando ver sua enorme utilização em outras áreas, como na publicidade, nas pesquisas, nas artes etc. A fotografia sobrevive à notícia, ultrapassa até mesmo seu autor, tornando-se patrimônio cultural. O repórter fotográfico tem uma função social, como jornalista e como artista, transmitindo conhecimento e provocando nossos sentimentos (OLIVEIRA; VICENTINI, 2009, p. 122).

Durante décadas, o fotojornalismo tem registrado momentos importantes na história. O trabalho do brasileiro Sebastião Salgado é considerado fotojornalístico. A atividade dele usa a fotografia para observar, informar e até opinar sobre questões sociais, políticas, econômicas ou ambientais. Em entrevista ao Roda Viva em 2013, o fotógrafo falou sobre a experiência que teve ao longo dos trabalhos pelo mundo.

Fotografei o que foi interessante para mim. O que me deu grande prazer, ou grande revolta, o que era compatível com a minha maneira de pensar. Eu vivi momentos dramáticos, momentos difíceis. As pessoas que eu fotografei viveram no inferno em alguns momentos [...] mas tiveram momentos de prazer. Fotografar as pessoas que trabalham é uma maravilha. [...] Fotografei por histórias (SALGADO, YouTube, 2014).

Para KOSSOY (2001), o assunto, o fotógrafo e a tecnologia são essenciais para a realização de uma fotografia. A produção sempre tem uma finalidade.

Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de implantação de uma

estrada de ferro ou os diferentes aspectos de uma cidade, ou qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros – que foram produzidos com uma finalidade documental – representarão sempre um meio de informação, um meio de conhecimento e conterão sempre o seu valor documental, iconográfico. Isso não implica, no entanto, que essas imagens sejam despidas de valores estéticos (KOSSOY, 2001, p. 48).

3.2 Ensaio fotográfico documental

O papel do ensaio fotográfico documental não é somente artístico, tampoco, ilustrativo. A atividade também registra uma história e captar emoções até através de gestos e olhares. Sem que ninguém precise pousar ou sorrir para a câmera, a fotografia documental constrói uma narrativa.

O fotógrafo Sousa (2018) define álbuns desse tipo com *Um Dia Para Guardar na Memória*. Segundo ele, este tipo de trabalho registra “[...] os costumes de uma geração, os sentimentos de um momento ou a rotina de uma família. Cada clic documenta uma fase, um minuto que não volta mais, mas que foi plenamente vivido”.

A fotografia documental é capaz de captar a rotina de alguém como se não tivesse nenhuma câmera seguindo cada um de seus passos. De acordo com Sousa (2018), o ensaio fotográfico documental possibilita mais criatividade, exclusividade, capacidade de mostrar a personalidade de quem está sendo fotografado.

Esse trabalho é profundo e tem uma função social muito importante. Ela conta uma história, capta os momentos exatamente quando acontecem, sem preparos prévios. Existem profissionais que trabalham fotografia documental de forma complexa desenvolvendo temas como: desmatamento, desigualdade, violência. [...] a fotografia documental busca a mistura perfeita de arte, visão pessoal do fotógrafo e o registro histórico. É um trabalho que estimula a verdadeira vocação dos fotógrafos, a mais profunda paixão (SOUSA, site, 2018).

O autor salienta que o objetivo principal desse tipo de trabalho é deixar na memória os momentos rotineiros e marcantes que, provavelmente, seriam esquecidos.

Sontag (2004, p. 15) diz que as “[...] fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo. [...] Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes”.

Calaça; Huber (2009) concordam. Os autores acreditam ainda que as pessoas podem mergulhar na memória e identidade do outro através da fotografia.

Essa memória permite que façamos uma viagem pelo tempo e recordar momento do passado ao vivenciar uma lembrança. Ela constitui o contador de histórias que existe em cada um de nós e está suscetível a distorções em função de estresse, medo ou o passar do tempo. À medida que o tempo passa, estamos mais propícios a ter lapsos de memória e esquecermo-nos de alguns fatos que ficaram distantes. Uma forma de retomar tais lembranças e preservar nossa identidade é através das fotografias tiradas e guardadas ao longo dos anos (CALAÇA; HUBER, 2009, p. 2).

3.3 Teoria da Folkcomunicação

A relação da teoria com a folkcomunicação com a fotografia é clara, principalmente quando o trabalho se trata de um ensaio fotográfico documental sobre uma comunidade quilombola. Isso porque a imagem fotográfica representa a “[...] perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza” (COSTA *et. al. apud* KOSSOY, 2018, p. 2).

A teoria da Folkcomunicação tem sua origem com a defesa da tese de Luís Beltrão ocorrida na UnB em 1967, e conforme Teske (2011, p. 38), esta teoria “[...] trouxe algo novo na construção do saber científico”. O próprio autor da teoria da Folkcomunicação afirma que

Toda boa pesquisa seja sociocultural, institucional ou linguística – e entre estas as de caráter semiológico – no campo do folclore, da cultura popular ou da nova cultura de massa, constituirá, sem dúvida, importante elemento para aquele passo adiante que é a descoberta pelo analista, do significado, intrínseco e atual do pensamento do indivíduo ou do grupo marginalizado, expresso na mensagem ou no discurso aparentemente acomodado à tradição (BELTRÃO, 1983, MARQUES DE MELO, 2008, p. 75).

Beltrão (1980), ao definir a folkcomunicação, diz o seguinte:

[...] como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore (BELTRÃO, 1980, p. 24).

Ao detalhar a sua teoria, ele acrescenta algo que após muitos anos, especialmente na atualidade, faz todo sentido quando escreve:

[...] preenche o hiato, quando não o vazio não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões ou circunstâncias do processo civilizatório, e

exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao novo e já vigoroso campo de estudo e pesquisa da Semiologia (BELTRÃO, 1980, p. 26).

A folkcomunicação, conforme Teske (2011), tem um caráter inter, multi e transdisciplinar e faz com que os estudos e pesquisas na área da comunicação na qual o jornalismo está inserido permite a sua ampliação. Neste contexto, o ensaio fotográfico documental da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente é contemplado.

3.4 Comunidades quilombolas

As comunidades denominadas quilombolas, são também consideradas comunidades tradicionais, pela forma de organização de espaço e de luta.

O quilombo, então, na atualidade, significa para essa parcela da sociedade brasileira, sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado. Inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afrodescendentes, partidos políticos, cientistas e militares são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas (LEITE *apud* TESKE, 2011, p. 335).

É importante entender a história da escravidão no Brasil. De acordo com o decreto 4887/03, nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que trata das questões de regulamentação, identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombolas.

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003, Art. 2º, decreto 4887).

Segundo Gomes (2015), são muitos os registros de pequenos grupos de foragidos que atravessavam regiões, migrando permanentemente, procurando abrigos e sobrevivendo.

Contudo, nem toda fuga gerava um quilombo e nem todo fugitivo planejava ir em direção àqueles já existentes. Fugir era uma ação muitas vezes planejada, não significando um simples ato de desespero diante de castigos. Havia ocasiões consideradas propícias e muitas escapadas coletivas foram antecedidas de levantes ou motins (GOMES, 2015, p. 12).

Mesmo após décadas dos acontecimentos, ainda se discutem questões de direitos para descendentes de negros escravizados. Os benefícios já conquistados se devem às lutas incessantes de lideranças e quem está em questão acredita que o Brasil detém uma parcela da dívida para as comunidades quilombolas.

Estes são portadores de bens materiais e imateriais, referentes à identidade, à ação, à memória dos grupos afro-brasileiros, constituinte do patrimônio cultural brasileiro, sobre a proteção constitucional. Tais territórios também denominados terras de preto. [...] A luta das comunidades negras quilombolas no Maranhão e no Brasil reside na conquista da regularização de seus territórios, como o primeiro passo para a conquista da cidadania. Mas a conquista dessa cidadania não é apenas a terra. É a terra e o reconhecimento de seus direitos, enquanto grupo étnico com especificidades no contexto da realização da Reforma Agrária e a população negra da zona rural (COSTA; PAIXÃO; MAFRA, 2003).

3.5 Comunidades quilombolas no estado do Tocantins

De acordo com o governo do estado, a maioria das comunidades quilombolas do Tocantins está localizada na região sudeste do Tocantins. Ainda de acordo com o governo do Tocantins, a primeira comunidade a ser reconhecida no estado foi a Lagoa da Pedra, em Arraias. A documentação foi feita em dezembro de 2004.

Segundo Gonçalves (2012), que nos ajuda a entender como as comunidades quilombolas do estado se formaram, o Tocantins teve duas importantes rotas migratórias durante o período da escravidão negra. A chamada Rota de Ouro, tendo a entrada pela região sudeste na busca de ouro e a rota do gado, pela região norte, na busca de pastos naturais para a criação de animais. “A Rota do Ouro e a Rota do Gado trouxeram para o Estado do Tocantins um grande número de negros, o que influenciou profundamente a composição da população e a cultura tocaninense” (GONÇALVES, 2012, p. 7).

Com essa concentração, as famílias se organizaram em diferentes pontos dos estados e dos pequenos municípios brasileiros. Cada um com sua cultura, resistindo às ameaças.

Atualmente o Tocantins tem 44 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares. As áreas com grupos de descendentes de escravizados abrigam negros em todas as regiões do estado. São elas:

Quadro 1 - Comunidades Quilombolas certificadas no estado do Tocantins

	MUNICÍPIO	DENOMINAÇÃO DA COMUNIDADE	Nº CERTIFICAÇÃO	DATA DA ASSINATURA DA CERTIDÃO
1	ALMAS	BAIÃO	135/2010	04/11/2010
2	ALMAS	POÇO DANTAS	263/2017	02/10/2017
3	ARAGOMINAS	PROJETO DA BAVIERA	fev/06	16/01/2006
4	ARAGOMINAS	PÉ DO MORRO	162/2010	27/12/2010
5	ARAGUATINS	ILHA SÃO VICENTE	162/2010	27/12/2010
6	ARRAIAS	LAGOA DA PEDRA	35/2004	25/8/2004
7	ARRAIAS	FAZENDA LAGOA DOS PATOS	75/2014	03/07/2014
8	ARRAIAS	FAZENDAS KÁAGADO	75/2014	03/07/2014
9	ARRAIAS PARANÃ	KALUNGA/MIMOSO	37/2005	11/6/2005
10	BREJINHO DE NAZARÉ	CÓRREGO FUNDO	fev/06	12/12/2005
11	BREJINHO DE NAZARÉ	MALHADINHA	fev/06	12/12/2005
12	BREJINHO DE NAZARÉ	CURRALINHO DO PONTAL	51/2010	24/03/2010
13	BREJINHO DE NAZARÉ	MANOEL JOÃO	82/2010	06/07/2010
14	CHAPADA DA NATIVIDADE	SÃO JOSÉ	fev/06	12/12/2005
15	CHAPADA DA NATIVIDADE	CHAPADA DA NATIVIDADE	fev/06	16/01/2006
16	CONCEIÇÃO DO TOCANTINS	ÁGUA BRANCA	191/2015	03/12/2015
17	CONCEIÇÃO DO TOCANTINS	MATÕES	191/2015	03/12/2015
18	DIANÓPOLIS	LAJEADO	59/2010	28/04/2010
19	DOIS IRMÃOS DO	SANTA MARIA	185/2009	13/7/2009

	TOCANTINS	DAS MANGUEIRAS		
20	ESPERANTINA	CARRAPICHÉ	191/2015	03/12/2015
21	ESPERANTINA	CIRÍACO	191/2015	03/12/2015
22	ESPERANTINA	PRAIACHATA	191/2015	03/12/2015
23	FILADÉLFIA	GROTÃO	94/2008	15/10/2008
24	JAÚ DO TOCANTINS	RIO DAS ALMAS	51/2010	24/03/2010
25	LAGOA DO TOCANTINS/ NOVO ACORDO/SANTA TEREZA DO TOCANTINS	BARRA DA AROEIRA	fev/06	16/01/2006
26	MATEIROS	MUMBUCA	fev/06	16/01/2006
27	MATEIROS	AMBRÓSIO	185/2009	07/8/2009
28	MATEIROS	CARRAPATO	185/2009	07/8/2009
29	MATEIROS	FORMIGA	185/2009	07/8/2009
30	MATEIROS	MARGENS DO RIO NOVO	87/2014	31/07/2014
31	MATEIROS	RIACHÃO	87/2014	31/07/2014
32	MATEIROS	RIO PRETO	87/2014	31/07/2014
33	MATEIROS	BOA ESPERANÇA	19/2015	02/02/2015
34	MONTE DO CARMO	MATA GRANDE	43/2009	02/3/2009
34	MURICILÂNDIA	DONA JUSCELINA	51/2010	24/03/2010
35	NATIVIDADE	REDENÇÃO	fev/06	16/01/2006
36	PARANÃ	CLARO	41/2014	18/03/2014
37	PARANÃ	OURO FINO	41/2014	18/03/2014
38	PARANÃ	PRATA	41/2014	18/03/2014
39	PONTE ALTA DO TOCANTINS	LAGOA AZUL	104/2016	20/05/2016
40	PORTO ALEGRE DO TOCANTINS	SÃO JOAQUIM	fev/06	16/01/2006
41	PORTO ALEGRE	LAGINHA	fev/06	16/01/2006

	DO TOCANTINS			
42	SANTA FÉ DO ARAGUAIA	COCALINHO	fev/06	16/01/2006
43	SANTA ROSA DO TOCANTINS	MORRO DE SÃO JOÃO	fev/06	20/01/2006
44	SÃO FÉLIX DO TOCANTINS	POVOADO DO PRATA	fev/06	16/01/2006

Fonte: TESKE (2018, p. 107). Adaptado dos dados da Fundação Cultural Palmares. Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQS). Dados atualizados até 05/3/2018.

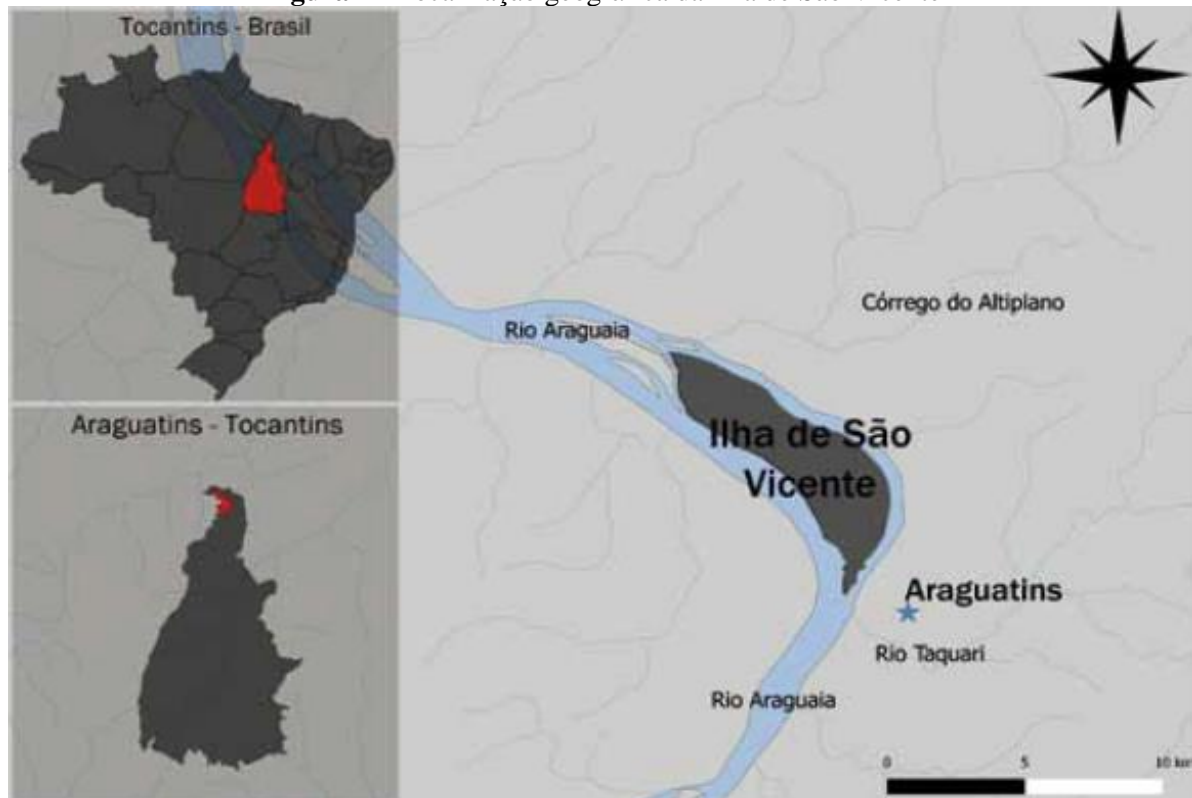
4 COMUNIDADE QUILOMBOLA DA ILHA DE SÃO VICENTE

Diferente dos quilombos mais antigos, a comunidade quilombola da Ilha de São Vicente não passou a existir após uma fuga. A terra foi entregue os descendentes de escravizados em 1888, após a abolição da escravidão, como recompensa pelo tempo de escravidão.

A Ilha está localizada a cerca de 600 quilômetros de Palmas, capital do Tocantins, e aproximadamente 30 minutos de barco da margem do Rio Araguaia, em Araguatins-TO. O acesso só é possível por meio de embarcações.

Atualmente com 49 famílias, a ilha é caracterizada como área de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, o ambiente tem 2.502,0437 hectares.

Figura 1 - Localização geográfica da Ilha de São Vicente



Fonte: Relatório técnico de reconhecimento e delimitação do território (2017).

Segundo os relatos de uma das lideranças da comunidade, Maria de Fátima Batista Barros, os negros, que hoje compõe a comunidade em questão, receberam esta ilha como pagamento pelo tempo de escravidão em Carolina, município do Maranhão. Após serem libertos e trazidos para o Tocantins, eles foram os primeiros ocupantes e estabeleceram moradia permanente na área que recebeu o nome de Ilha de São Vicente.

O próximo passo foi dar continuidade à geração com outros negros que também haviam sido escravizados e começaram a morar em terras próximas à ilha. Mais de 120 anos depois os quilombolas descobriram a identidade e de qual árvore genealógica faziam parte.

Ainda segundo os relatos, isso aconteceu em 2010, depois que fazendeiros, que também passaram a morar na Ilha, quiseram se apossar da área, expulsando os negros, que tinham a terra por direito. De acordo com os quilombolas, após conseguirem uma assinatura de ordem de despejo, estes fazendeiros destruíram casas, plantações e criações de animais. Apesar dos prejuízos, ainda em 2010 os moradores se uniram e conseguiram reverter o quadro.

De acordo com o estudo antropológico de Lopes (2014), os moradores têm provas físicas da descendência. Uma delas é o livro “*De São Vicente a Araguatins*”, datado de 1970, de Leônidas Gomes Duarte, neto do criador de Araguatins, Vicente Bernardino Gomes.

O livro conta a história da cidade e um dos capítulos ganhou o nome de “*Uma dívida resgatada com seres humanos*”, que narra parte da chegada dos quilombolas à Ilha de São Vicente.

Lopes informa que, além disso, um baú e uma mala também foram citados pelos quilombolas como elementos materiais. Deixados pelos antepassados, os objetos feitos de couro e madeira são considerados herança e marcam sua identidade. Eles são prova da história e servem para ilustrar aos mais novos como tudo começou.

Figura 2 - Objetos históricos da comunidade



Fonte: Herbert Levi e Marcio Catelan - INCRA (abril/2013).

Em seu estudo, Lopes (2014) observou que na Praça dos Pioneiros, localizada em frente à Igreja Matriz de São Vicente Ferrer, a prefeitura de Araguatins homenageia as famílias

pioneiras da cidade em uma placa de junho de 2001. A família Batista Barros, pertencente à comunidade quilombola da Ilha de São Vicente está presente na oitava linha.

Figura 3 - Homenagem às famílias pioneiras de Araguatins



Fonte: Rita Domingues (maio/2013)

A Certidão de Autodefinição da Comunidade Quilombola da Ilha de São Vicente, cedida pelos moradores, informa que as famílias se autodefinem como remanescentes de quilombo. O documento dá legitimidade aos fatos já narrados pelas famílias da comunidade. Os remanescentes agora lutam pelo processo de titulação da terra.

Figura 4 - Certidão de Autodefinição da comunidade quilombola da Ilha São Vicente emitido pela Fundação Cultural Palmares



Fonte: Arquivo da comunidade

Ao se tratar de bens culturais, estes não tratam apenas de bens materiais, mas também de imateriais.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN, site, 2014).

Atualmente os quilombolas da Ilha de São Vicente usufruem de algumas novidades conquistadas após anos de reivindicações. Com acesso restrito à educação por décadas, agora

eles possuem uma embarcação escolar. O programa Caminho da Escola, do Governo Federal, atende estudantes de escolas públicas que precisam ir ao centro de Araguatins para estudar.

Os moradores têm uma relação importante com o rio, já que parte da alimentação é feita através da pesca. A agricultura familiar também ajuda no sustento dos quilombolas. De acordo com Lucinda (2017), os membros da comunidade usam o coco babaçu em diversas atividades.

O coco é usado na produção de azeite ou óleo para fazer sabão e a sua casca aproveitada como combustível em fornos e fogões de barro; das folhas são tecidos balaios e cofos, que são cestos variados que servem como utensílios para diferentes finalidades, como recipiente de medida e para transportar produtos da lavoura, do extrativismo vegetal, da pesca e da caça. A folha da palmeira é também aproveitada na confecção de abanos e esteiras – usadas para forrar o chão, secar o milho e ao sol, fechar portas, janelas e até para cobrir algumas casas. O uso da parte central da folha, chamada de *miolo*, para tecer paredes e coberturas das moradias, requer um conhecimento técnico sofisticado (LUCINDA, 2017, p. 7).

Segundo ela, esse conhecimento sobre a vegetação e o aproveitamento da palmeira babaçu foi adquirido e repassado ao longo das gerações das famílias estabelecidas na ilha. Isso “mostra a riqueza dos saberes que a comunidade detém, os modos como dispõem dos recursos existentes para a produção da vida”.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ponto de partida para a realização deste ensaio fotográfico documental foi a pesquisa bibliográfica dois meses antes do início da parte prática e durante todo o processo de execução do produto. Consultas em livros, teses, documentários e artigos que discutem comunidades tradicionais e fotografia foram fundamentais para o resultado final.

Para tanto, utilizo a pesquisa descritiva. *In loco*, houve observação direta das pessoas, o que possibilitou obter conhecimentos mais aprofundados que pudessem ser repassados através da fotografia. Segundo Martins (2006, p. 13) “[...] a observação direta do comportamento dos fenômenos e dos fatos também é uma fonte inspiradora de ideias”.

5.1 Planejamento

Para produzir o ensaio fotográfico documental *Vida quilombola no rio Araguaia*, o primeiro passo foi escolher o tema e o tipo de trabalho. Nessa mesma época, li artigos e livros sobre fotografia, ensaio fotográfico documental, comunidades quilombolas e documentos sobre a Ilha de São Vicente. Tive certeza do que queria escrever e então planejei a viagem até a ilha. Essas etapas duraram quatro meses.

Usei grupos em aplicativo de mensagem para avisar sobre o projeto e no dia 23 de dezembro de 2018 viajei para Araguatins, município em que fica localizada a Ilha de São Vicente.

5.2 Viagem para a comunidade

Entre os dias 24 e 26 de dezembro de 2018 foram realizadas 10 visitas em casas que pertencem à comunidade quilombola da Ilha de São Vicente. Além disso, estive no assentamento Centro do Jacó, que fica a nove quilômetros do centro de Araguatins. O local também abriga parte dos quilombolas. Nesses dias, fotografei integrantes da comunidade nos dois lugares diferentes.

Encontrei os grupos em três dias. Já na Ilha, preparei um café da manhã para que pudesse atrair e encontrar uma maior quantidade de moradores. Ao saber do ensaio fotográfico, alguns quilombolas se deslocaram do município até a comunidade para poder participar do projeto.

5.3 Envolvimento com a comunidade

É importante deixar claro que faço parte da sexta geração da comunidade quilombola. Por isso, considero que tive facilidade em obter os registros. Mesmo assim, procurei, ao longo da pesquisa, estreitar os laços para obter uma familiarização ainda maior com os personagens.

5.4 Fotografias

Foi utilizada a câmera Canon 60d do laboratório de fotografia do curso de jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Nos três dias em campo foram tiradas 1.493 fotografias, sendo 396 no assentamento onde mora parte dos quilombolas e 1.097 na ilha. As imagens de pessoas são pousadas e espontâneas, sem aviso prévio. Crianças, adultos e idosos foram fotografadas. As fotos capturaram beleza e sentimentos.

As casas, plantações, barcos, objetos antigos e a naturezas, também foram fotografados.

No primeiro momento foi feita uma seleção das 71 melhores fotografias. Elas foram separadas em uma pasta no computador e tiveram prioridade. Conforme a necessidade para contar a história, outras imagens, que não estavam na pasta, precisaram ser usadas.

O resultado final tem 57 fotografias, entre elas, duas em memória de Salvador Batista Barros e Maria Barros Noronha. Os tamanhos são variados.

5.5 Entrevistas

As entrevistas foram feitas com oito quilombolas ao longo de todo o processo de construção do livro. Por conhecer os ‘personagens’, as perguntas foram feitas de acordo com o que o remanescente passou ou vive atualmente. O modelo da conversa não era ping-pong, e sim perguntas com possibilidades de respostas mais abertas.

Entre uma foto e outra parava para ouvi-los. Mesmo após voltar para Palmas, para deixar o conteúdo do livro mais rico, consegui conversar com quem precisava.

5.6 Construção do livro

O livro começou a ganhar forma no dia 13 de fevereiro de 2019. Foi escolhido o formato/tamanho paisagem, para que as fotos ficassem distribuídas da melhor forma possível.

Criada 20 páginas em branco, as fotos visualmente mais atraentes foram sendo colocadas no maior tamanho, ocupando a página inteira. Depois os espaços foram sendo divididos de acordo com a necessidade. Logo, foi decidido que os assuntos seriam divididos com tópicos.

O livro tem formato fotolivro paisagem grande 33x28 centímetros.

5.7 Capa

A paleta de cores utilizada no *design* da capa foi a junção de tons marrons, que simboliza a terra. Para ilustrar a capa, que é responsável por atrair ou não o leitor, escolhi uma imagem de uma canoa simples e com um remo encostada a uma das margens da Ilha de São Vicente. Do ângulo em que a foto foi tirada também é possível ver a outra margem, o que mostra que o local se trata de uma ilha. Para destacar, o título ‘A vida quilombola no rio Araguaia’ foi feito em um tom mais escuro que há na foto e com letras cursivas sobre parte da água.

5.8 Páginas

O livro tem 52 páginas e 57 fotografias. Separado por tópicos, cada parte do produto narra como os acontecimentos mais marcantes ocorreram. São eles: O território; Como tudo começou; O ataque; A luta continua; Saberes e Fazeres; As faces do quilombo.

6 PÚBLICO

6.1 Público-alvo

O ensaio fotográfico documental sobre a Ilha de São Vicente tem como público alvo moradores de comunidades quilombolas do Tocantins e de todo o Brasil. Além disso, serve de estudo para alunos de séries iniciais até de graduações e professores e pesquisadores.

Todas as pessoas que se interessam e querem saber mais sobre a cultura, comportamento e vivência de moradores de comunidades tradicionais. O livro também é de grande valia para quem trabalha fotografia.

6.2 Público mercadológico

O trabalho pode ser oferecido a escolas públicas e privadas, já que possibilita discursões e informa sobre questões históricas importantes para o Tocantins.

7 CUSTOS

7.1 Recursos humanos

Quadro 1 – Descrição, quantidade e custo com recursos humanos

ITEM	DESCRIÇÃO DO ITEM	QUANTIDADE	CUSTO
01	Jornalista	01	R\$ 7.500,00

Fonte: Elaboração própria.

O ensaio fotográfico documental demandou conhecimentos de escrita, fotografia, diagramação e edição de imagens. Somente uma profissional cuidou de todos os trabalhos.

7.2 Recurso de capital

Quadro 2 - Descrição, quantidade e custo com recursos de capital

ITEM	DESCRIÇÃO DO ITEM	QUANTIDADE	CUSTO
01	Câmera fotográfica Canon 60d	01	R\$ 2.209,00
01	Cartão de memória 8 gigabits	01	R\$ 20
01	Adaptador para cartão de memória	01	R\$ 19,50
01	Pen drive 8 gigabits	01	R\$ 25,00
01	Computador	01	R\$ 2.500,00

Fonte: Elaboração própria.

Sem recursos para comprar, foi necessário usar a câmera profissional da Universidade Federal do Tocantins. O empréstimo feito no laboratório de jornalismo durou sete dias. Sem os demais itens necessários para armazenar as fotografias, foi preciso adquiri-los.

7.3 Recursos de custeio

Quadro 3 - Descrição, quantidade e custo com recursos de custeio

ITEM	DESCRIÇÃO DO ITEM	QUANTIDADE	CUSTO
01	Passagens de ônibus (Palmas-Araguatins)	02	R\$ 120,00
01	Travessia de barco para a ilha	02	R\$ 25,00
01	Diagramação do livro	01	R\$ 300,00
01	Edição de imagens	01	R\$ 100,00
01	Impressão do livro	01	R\$ 1.200,00

Fonte: Elaboração própria.

7.4 Valor universal

Quadro 4- Valores totais

ITEM	DESCRIÇÃO DO ITEM	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO
01	Recursos humanos	01	R\$ 7.500,00
05	Recurso de capital	01	R\$ 4.773,50
05	Recursos de custeio	01	R\$ 1.890,00
TOTAL			R\$ 14.163,50

Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio fotográfico documental *A vida quilombola no rio Araguaia* surgiu com uma proposta de expor e colocar em evidência a história de vida dos quilombolas da Ilha de São Vicente, em Araguatins, norte do Tocantins. Foi por causa da paixão pela fotografia e por discussões sobre comunidades tradicionais que resolvi fazer esta junção, que trouxe um resultado positivo.

Com uma história rica, mas com poucas publicações, uma das preocupações dos quilombolas desta comunidade é a perda da memória sobre os antepassados e sobre a área que abriga as famílias há mais de 122 anos. Este trabalho pode ajudar na conservação de informações.

Ao ouvir os relatos dos quilombolas, pude perceber ainda mais a importância de se discutir sobre as questões raciais. Que há também uma desigualdade social que desencadeia graves problemas, como o fato do ataque, que foi abordado.

Foi pensando na necessidade do conhecimento dos brasileiros sobre parte da história de remanescentes de negros escravizados que escrevi um produto que pode ser facilmente compreendido por pessoas de todas as idades e classes sociais. A fotografia é um meio de comunicação poderoso que fala por si só e possibilita aos leitores interpretações mais amplas e individuais.

Durante o projeto me aventurei na fotografia. Precisei deixar de lado os textos jornalísticos factuais e me dediquei na escrita mais literal e documental. Por isso, a produção dessa obra me deu novo olhar para a profissão jornalística. Vale lembrar que o ensaio fotográfico documental pode gerar pautas para veículos de comunicação televisivos, online e impressos.

Trabalhar em uma comunidade quilombola foi uma experiência positiva e mostrar o resultado final quilombolas, gratificante. Diante da simplicidade diária, entusiasmados, eles contavam os dias para se vir estampados nas páginas.

Vale destacar que posteriormente o livro será publicado e pode ganhar outras edições. Já que a história em geral foi contada, os próximos podem ter outras abordagens. Este trabalho também pode vir a ser uma ferramenta para alcançar autoridades que facilitem a conquista de melhorias para o território e até combater o racismo, que, infelizmente, se faz presente nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luís. A pesquisa sobre Folkcomunicação In: MARQUES DE MELO, José (org.) **Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Cultural Palmares. **Comunidades**, 2016. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551>. Acesso em: 7 mar. 2019.

_____. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/content/quilombolas>. **Quilombolas**, 2003>. Acesso em: 11.mar.2019.

CALAÇA, Mariana Capeletti; HUBER, Erick Rôso. **Fotografia -Instrumento de registro e alguns feitos de inovações tecnológicas**, 2009. PDF. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16233968-Fotografia-instrumento-de-registro-e-alguns-efeitos-de-inovacoes-tecnologicas-1-mariana-capeletti-calaca-2-erick-roso-huber-3.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

COSTA, Álvaro Daniel; JOHANSEN, Elizabeth; MONASTIRSKY, BRISOLLA, Leonel. A fotografia enquanto um registro de um patrimônio cultural: devoção e identificação – Casa do Divino. **RIF**, Ponta Grossa/ PR, Volume 16, Número 36, p. 50-65, Janeiro/Junho 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2317/563563572>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**, 2015. Companhia das Letras, 2015.

GONÇALVES, Paulo Rogério. **Quilombolas no Tocantins**. Tocantins. 2012. Uma publicação da Alternativa para Pequena Agricultura no Tocantins APA-TO.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 18. mar. 2019.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Disponível em: <<file:///C:/Users/Ildelio/Downloads/KOSSOY-%20B.%20Historia%20e%20fotografia%20-%20cap.%20Fotografia%20e%20historia.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

LOPES, Rita de Cassia Domingues. **Relatório Antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade quilombola Ilha de São Vicente**. (2014). Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_QGD4OA2pfsJ:www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Attachments/521320/RESPOSTA_PEDIDO_RTID_ILHA_DE_SO_VICENTE_TO.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>. Acesso em: 14 jan. 2019.

LUCINDA, Maria da Consolação. **Baseado no relatório técnico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade quilombola da Ilha de São Vicente** / de Rita de Cássia Domingues-Lopes – Belo Horizonte: FAFICH, 2017.

OLIVEIRA, Erivam Morais de – **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital**/ Erivan Morias de Oliveira, Ari Vicentini, 2009 – São Paulo: Cengage Learning, 2009.

PROGRAMA RODA VIVA. **Entrevista a Sebastião Salgado**, realizada em 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=clQKBpilxR>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SÔNAGO, Márcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórico, 2010. Pdf**: Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366/1248>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Sobre-fotografia-Susan-Sontag.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SOUSA, Fabrício. **Diferença entre fotojornalismo e fotografia documental**, site, 2018. Disponível em: <<https://www.fabriciosousa.com.br/post/19961-diferenca-entre-fotojornalismo-e-fotografia-documental>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

_____. **Porque fazer um ensaio documental em família**, site, 2018. Disponível em: <<https://www.fabriciosousa.com.br/post/9803-por-que-fazer-um-ensaio-documental-de-familia>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

_____. **Você já ouviu falar de fotografia documental?**, site, 2018. Disponível em: <<https://www.fabriciosousa.com.br/post/18440-voce-ja-ouviu-falar-de-fotografia-documental>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

TESKE, Wolfgang. **Identidade quilombola, mineração e novas tecnologias: uma análise folkcomunicação da comunidade Lagoa da Pedra, Arraias-TO**. 2018. 309f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, Palmas, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1008>>. Acesso em: 21 mar. 2019.